

## CANÇÃO DA MANHÃ

O amor acertou o teu passo como um pesado relógio de ouro.  
A parteira deu-te duas palmadas nos pés e o teu grito nu  
Tomou o seu lugar entre os elementos.

As nossas vozes em eco engrandecem a tua chegada. Estátua  
nova.  
Na corrente de ar de um museu, a tua nudez  
Encobre a nossa segurança. Rodeamos-te inexpressivos como  
paredes.

Sou tanto tua mãe como  
A nuvem que em espelho se destila e nele vai reflectir o seu  
lento  
Apagamento às mãos do vento.

Toda a noite a tua respiração de borboleta  
Paira entre o cor-de-rosa murcho das rosas. Acordo e oiço:  
Move-se no meu ouvido um mar distante.

Um choro e saio da cama aos tropeções, vaca gorda e florida  
Na minha camisa de noite vitoriana.  
A tua boca abre-se limpa como a de um gato. O quadrado da  
janela

Empalidece e engole as estrelas sombrias. E tu agora ensaias  
a tua  
Mão cheia de notas;  
Claríssimas vogais elevando-se como balões.

## OS MENSAGEIROS

A palavra de um caracol em folha a servir de prato?  
Não é minha. Não a aceitem.

Ácido asséptico em frasco selado?  
Não o aceitem. Não é genuíno.

Um anel de ouro com o sol lá dentro?  
Mentiras. Mentiras e dor.

Gelo numa folha, o caldeirão  
Imaculado, que fala e crepita

Sozinho, no cimo de cada um  
Dos nove Alpes negros.

Uma agitação nos espelhos,  
O mar despedaça o mar cinzento —

Amor, amor, o meu tempo.

## OVELHAS NO NEVOEIRO

As colinas descem sobre a brancura.  
Pessoas ou estrelas  
Olham-me tristemente, desaponto-as.

O comboio deixa o traço da sua respiração.  
Oh lento  
Cavalo cor da ferrugem,

Cascos, guizos de dor —  
Toda a manhã a  
Manhã tem vindo a escurecer,

Uma flor posta de lado.  
Os meus ossos ganham imobilidade. Campos  
Distantes suavizam o meu coração.

Ameaçam  
Deixar-me entrar para um paraíso  
Onde não há estrelas, não há pais, secreta água.

## O CANDIDATO

Antes do mais, tem as qualidades que procuramos?

Usa

Algum olho de vidro, dentes postiços, muleta,

Uma braçadeira ou um gancho,

Peitos de borracha ou um sexo de borracha,

Costuras que mostrem o que lhe tiraram? Ah não? Então

Como podemos oferecer-lhe seja o que for?

Páre de chorar.

Abra a mão.

Vazia? Sim, vazia. Eis a mão

Que se quer ocupar, desejosa

De lhe trazer o chá e de fazer passar as dores de cabeça

E fazer o que lhe mandarem.

Casa com ela?

Tem garantia,

Há-de cerrar-lhe as pálpebras no fim

Desfazendo-se em dor.

Desse sal fazemos novo alento.

Reparo que está completamente despido.

Que me diz deste fato —

É preto e rígido mas não cai nada mal.

Quer casar com isto?

É à prova de água e de estilhaços, à prova

De fogo e bombas que caíam no telhado.

Acredita-me, hão-de enterrar-te assim vestido.

Mas a tua cabeça, desculpa que te diga, está vazia.  
Tenho remédio para isso.  
Anda cá, amorzinho, sai do armário.  
Então, que pensas *disto*?  
Está em branco como papel por escrever

Daqui a vinte e cinco anos ela será de prata,  
Daqui a cinquenta, de ouro.  
Uma boneca de carne e osso, para onde quer que olhes.  
Sabe coser, sabe cozinhar,  
E fala, fala, fala.

Trabalha sempre, é do melhor que há.  
Se tem um buraco põe-se um remendo.  
Se se lhe vê um olho é uma imagem.  
Olha rapaz, é a tua última oportunidade.  
Por que não te casas com isto, com isto, com isto.